



Foquinha: jornalismo infantil na ditadura militar¹

Juliana DORETTO²

ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo)

Resumo

O artigo resgata a trajetória do veículo infantil “Foquinha”, publicado entre 1977 e 1982, pela Editora Pedagógica Brasileira, com sede em São Paulo (SP). O veículo, pago e distribuído somente em escolas, tinha como objetivo resgatar valores nacionais e morais que considerava ameaçados, o que ia ao encontro da propaganda do regime militar, vigente na época. Este trabalho faz observações gerais sobre o jornal e analisa os temas e a abordagem dos textos de capa do seu primeiro ano de publicação.

Palavras-chave

Jornalismo infantil; Foquinha; ditadura militar; jornalismo impresso

Introdução

O direito da criança de ter acesso às mídias e participar do debate público está assegurado na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia-Geral da ONU (Organização das Nações Unidas) em 1989 e assinada pelo Brasil em 1990:

Art.13:1- A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou de qualquer outro meio escolhido pela criança...

“Art.17:1- Os Estados Partes reconhecem a função importante desempenhada pelos meios de comunicação e zelarão para que a criança tenha acesso a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente informações e materiais que visem promover seu bem-estar social, espiritual e moral e sua saúde física e mental. Para tanto, os Estados Partes: a) incentivarão os meios de comunicação a difundir informações e materiais de interesse social e cultural para a criança...

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, email: jdoretto@usp.br.



Os suplementos impressos destinados a crianças poderiam ser canais importantes para os meios de comunicação cumprirem essa função descrita pela Convenção. Mas, na mídia impressa brasileira, as crianças são relegadas a poucas páginas semanais: suplementos tabloides distribuídos aos sábados, elaborados por equipe reduzidas. O jornal não inclui seus pequenos leitores em suas reuniões de pauta regulares, não cede a eles espaço cotidiano em suas páginas, não há textos destinados a eles diariamente.

Minha pesquisa de mestrado ainda está em fase preliminar, mas trabalhos já publicados³ mostram que, mesmo nos suplementos semanais feitos para as crianças nos dois mais prestigiados jornais do Estado de São Paulo, a informação crítica e adequada a esse público parece estar em plano inferior ao do entretenimento e ao do comercial. Sobressaem os lançamentos de peças de teatro, desenhos animados, livros, jogos eletrônicos e brinquedos. São raras as reportagens que interpretam os fatos sociais e inserem a criança nesse contexto – com linguagem e abordagem adequadas a essa faixa etária: não lhes é dada a prerrogativa de entender melhor o que ocorre em seu país, em seu Estado e em sua cidade.

Textos que abordam os medos, as inseguranças, as mudanças de comportamento dos pequenos leitores em seu relacionamento com outras crianças são mais comuns, mas, ainda assim, não raras vezes aparecem atrelados a bens materiais. Nesse caso, a criança é entendida basicamente como um ser de consumo, ou seja, que se relaciona no mundo capitalista por meio de suas ações consumistas. “O econômico e o consumo são ferramentas que permitem inseri-la no mundo social, de modo a fazê-la partícipe do projeto social ou a marginalizá-la, como o devir histórico assim descreve” (VASCONCELOS, 2001, p. 14).

Perroti afirma que, com as novas configurações econômicas e sociais que vêm se instaurando no país desde a década de 60 (urbanização e industrialização crescentes, acompanhadas de altos índices de violência), as crianças estão sendo cada vez mais confinadas em espaços privados, perdendo o contato social que antes tinha lugar nas brincadeiras de rua, sobretudo em grandes cidades: “movimento de recolhimento crescente da infância nos espaços domésticos e em instituições especializadas (creches, escolas), dando origem a um novo modelo de participação na cultura, marcado pelo distanciamento dos espaços públicos” (2001, p. 25).

³ DORETTO, J. *A identidade do leitor da Folhinha: construção que se atualiza*. In: Anais do VI Encontro Nacional de Encontro de Pesquisadores de Jornalismo, 2008, São Bernardo do Campo (SP). DORETTO, J. *A identidade do leitor do Estadinho*. (Apresentação de Trabalho na I Jornada Acadêmica PPGCOM - ECA-USP, 2008).



Canclini também mostra o consumo – entendido como processos socioculturais de apropriação de todos os produtos, e não gastos irracionais e descontrolados – como fator de inclusão ou exclusão dos grupos sociais, mas ressalta que, nesse processo, também se constrói cidadania:

Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido ao pertencimento e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades (1995, p. 22).

Assim, podemos inferir que ao comprarmos um objeto ou um serviço, lhe atribuímos não apenas uma função – material ou social – mas também um significado. Nesse processo, interagimos com os demais, analisando (criticamente ou não) nosso próprio corpo, nossas necessidades e a ordem social na qual estamos inseridos. Ou seja, o consumo faz parte da construção da criança-cidadã, e a imprensa não deveria ignorar essa realidade. Segundo Fragoso, vivem no Brasil cerca de 36 milhões de crianças de até 12 anos (22% da população), e as vendas de produtos voltados para o público infantil “vêm crescendo mais do que a venda daqueles destinados aos adultos: entre 2001 e 2003, o volume de vendas dos primeiros cresceu 7,5% (contra 6%)” (2009, p. 51). Por outro lado, o pequeno leitor precisa receber instrumentos para que seu consumo seja plenamente cidadão; e esse repertório não é edificado somente com as notícias sobre os últimos lançamentos mas também com textos críticos e contextualizadores.

Tendo em vista esse quadro, creio que se faz importante que os estudos de comunicação impressa se debrucem sobre o conteúdo do jornalismo para o público infantil, analisando criticamente os veículos destinados à criança, de hoje e de ontem: seus temas, suas abordagens, as faixas etárias de seu público, seu modo de enxergar a criança leitora.

O resgate de publicações voltadas para crianças que foram descontinuadas tem ainda mais relevo nas pesquisas em comunicação no Brasil, pela quase inexistência de estudos nessa área. A pesquisa bibliográfica, realizada nos acervos dos cursos de jornalismo da capital paulista da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, da Pontifícia Universidade Católica e da Universidade Metodista, encontrou um trabalho de Arroyo, de 1968, voltado à literatura infantil, no qual o autor dedica um capítulo ao levantamento dos veículos que de modo precursor se destinaram a crianças e adolescentes no Brasil, desde o período colonial – mostrando que muitos desses jornais



nasceram nas escolas, com preocupação didática e divulgando a produção literária para os pequenos. Não foi localizado nada parecido em publicações posteriores.

Eram veículos que recebiam e faziam circular as primeiras manifestações literárias de intelectuais, escritores e poetas, que mais tarde, muitas vezes, se salientariam no país das letras. Era, de certo modo, a meninada pedindo leitura, literatura que, praticamente, não existia e que ela mesma começava a fazer (ARROYO, 1968, p. 140).

Alves (1993), anos mais tarde, faz um levantamento simples, apenas com os títulos publicados no país em 1988 – 34, então circulando nas principais capitais.

Foquinha

Um dos veículos destinados a crianças publicados no Brasil foi o “Foquinha”, editado pela Editora Pedagógica Brasileira (hoje, Atualidades Pedagógicas), com sede em São Paulo (SP), durante cinco anos, de 1977 a 1982. Em entrevista concedida a mim⁴, o então diretor da editora, Arnaldo Soveral, criador e editor do projeto, disse que o jornal era divulgado nas escolas de ensino fundamental e que alcançava o país inteiro, mas a maioria de assinantes era de São Paulo e do Paraná. O alvo do jornal eram estudantes do ensino fundamental, de primeira a quarta séries. Com 16 páginas e majoritariamente colorido desde o início, teve 60 números, mensais ou bimestrais – mais “dois ou três números” distribuídos gratuitamente em escolas, que serviram de propaganda para o veículo, segundo o editor.

Soveral disse que “o ‘Foquinha surgiu através do pensamento de ajudar a criança a obter melhores conhecimentos culturais de forma informal, alegre e divertida, pautado principalmente nas datas comemorativas”, mas com outras temas, “diversificados”. O jornal era produzido por uma equipe fixa, do qual fizeram parte a jornalista Suzana Beck, o hoje dramaturgo Hugo Possolo (filho de Soveral) e os desenhistas Luiz Dias, e José Antonio Rodrigues da Silva, entre outros. Soveral afirmou que eram publicados, além dos textos voltados basicamente para fatos históricos e comemorações brasileiras, concurso de artes e redações, quadrinhos, crônicas e desenhos de assinantes.

O destaque de “Foquinha” na história infantil brasileira vem não apenas desse seu caráter independente, ou seja, não vinculado a um grande periódico, mas principalmente de sua comercialização apenas por assinaturas – não em bancas –, fato raro nos veículos feitos para crianças na Brasil. Na pesquisa bibliográfica, foi

⁴Em entrevista por escrito à autora.



encontrado apenas um outro caso como esse, o jornal “Sport Gang”, que foi analisado num capítulo (à parte) da dissertação de mestrado de Alves (op. cit.), mas tratava-se de uma publicação encontrada em bancas.

Rosa Soveral⁵, que trabalhou na administração do jornal, disse que a editora não tem mais registros de assinantes nem a relação das escolas onde houve divulgação do veículo. Não houve também pesquisa de mercado, que levantasse o perfil sócio-econômico dos leitores do “Foquinha”. Rosa afirmou ainda que o jornal foi bastante usado em salas de aula, em trabalhos didáticos.

As datas comemorativas, carro-chefe do veículo, já permeavam os veículos feitos para as crianças desde o seu surgimento, na primeira metade do século 19. Falando da imprensa escolar paulista, que surge mais próximo do fim desse século, Arroyo (op. cit.) diz que: “Nessas páginas, observa-se igualmente forte preocupação cívica, uma preocupação cívica que não se reduzia apenas a termos estaduais. Ia além, por figuras de destaque na história do país” (p. 138). O autor cita, como “pioneiro” nessa temática, o “A Seta” (de 1895), manuscrito e republicano, que tinha como um dos objetivos cultivar a figura do marechal Floriano Peixoto. Em 1902, “A Mocidade”, da Escola Complementar, tinha intuíto de comemorar as datas nacionais e desenvolver o gosto pela literatura.

O cenário político do Brasil de 1977, ano de surgimento do “Foquinha”, era o de início de abertura do regime militar: em 15 de março de 1974, tomava posse da presidência da República o general Ernesto Geisel, com o propósito de implementar a distensão lenta, gradual e segura. Ainda assim, “as prisões se contavam às dezenas, em meio a uma insistente campanha de delação contra supostos militantes comunistas” (PILAGALLO, 2002, p. 140), isso porque, para o homem que comandava a abertura, o general Golbery do Couto e Silva, o Brasil deveria funcionar em sístoles e diástoles: “O arquiteto da distensão acreditava ser fundamental sinalizar, à esquerda e à direita, que as rédeas do projeto estavam nas mãos do governo” (op. cit., p. 142). Nos anos anteriores, com Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), o país esteve imerso no projeto de um Brasil grande, com obras públicas de grande porte, campanhas ufanistas e de associação dos inimigos do regime a ameaças à pátria e aos valores da família.

Numa espécie de carta ao leitor (porém, pela linguagem mais hermética, provavelmente destinada a pais e professores, e não aos pequenos), publicada no número 1, sob o título de “Criança é o assunto” (em anexo), o Foquinha mostra

⁵Idem.



preocupação com certa “invasão” de figuras estrangeiras e de produtos de consumo no mundo infantil, para a qual o veículo chamava a atenção, já na segunda metade da década de 70:

Os nossos filhos, os nossos alunos, as nossas crianças estão sendo cerceadas e ameaçadas por um ambiente tenso de violência e perigo. A televisão, o cinema, os jornais e até as publicações chamadas infantis transmitem mensagens que nada têm a ver com os nossos valores.

Heróis importados, de qualidade duvidosa, falam de uma cultura que não é a nossa, enquanto jingles publicitários substituem as nossas canções folclóricas.

Não somos os únicos a ver esse perigo, porém a nossa experiência no campo pedagógico não nos permite a omissão e, como decorrência dessa tomada de consciência, nasce o **Foquinha**, um jornal de classe ['subtítulo' do veículo] e da classe. Nele, os heróis serão sempre brasileiros.

Sem ser exclusivamente didático, o **Foquinha** levará a criança brasileira, pelo tempo e pelo espaço, a conhecer os vultos de sua História e a percorrer os lugares mais distantes de sua Pátria, completando assim o que o professor ensina na sala de aula.

...Tudo isso é o Foquinha dando o sinal verde para a juventude do Brasil, para que ela se forme dentro de espírito de sua nacionalidade, amando sua terra e sua gente.

Neste artigo, serão levantados os temas tratados, o modo como foram abordados e a linguagem utilizada nos textos principais (a “chamada” de capa de maior destaque) de todo o primeiro ano de publicação do “Foquinha”. As edições foram fornecidas por Arnaldo Soveral e são pertencentes ao arquivo da editora Atualidades Pedagógicas. Dos 12 números, falta um (o décimo), mas a busca por outra coleção do veículo, em acervos de bibliotecas de três cursos de jornalismo da capital paulista – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica e Universidade Metodista – e na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, no Distrito Federal, foi infrutífera.

Na coleção de Soveral, há cerca de 90% dos números impressos do “Foquinha”, mas vou me ater ao primeiro ano, para que meu objetivo maior possa ser atingido dentro dos limites deste artigo. Antes, porém, segue descrição sintética de todo o conteúdo das edições analisadas.



As páginas do Foquinha

As 11 edições do primeiro ano do “Foquinha” não têm datas indicadas no cabeçalho – suas capas traziam apenas o número e o ano de existência do veículo, mas um quadro presente em todas elas, com as datas comemorativas de determinado mês, indicam o período de sua publicação. Todos os números do primeiro ano contam com 16 páginas, majoritariamente coloridas: as preto-e-branco variavam de um a oito páginas por edição; nota-se que os números finais da amostra (11 e 12) apresentavam metade das páginas sem cores, enquanto os demais variavam de totalmente colorido (ao menos com uma cor por página) a seis páginas em preto-e-branco. Fotos eram raras – a maior parte, ligadas a eventos promovidos pelo jornal –, mas o “Foquinha” abusava de ilustrações. Raros também eram os anúncios: além de propagandas da própria editora, apenas a bola Coringa (“A bola amiga da criança”) anunciou no veículo, por quatro números.

O “Foquinha” trazia em suas edições textos sobre animais, biografias de figuras históricas, reportagens sobre datas comemorativas – Dia do Folclore, Dia do Soldado, Revolução Constitucionalista, Dia da Imprensa –, seções de artesanato (“Faça você mesmo”), concursos para textos e desenhos de assinantes – foram dois neste primeiro ano, “Eu e a natureza” e “Vamos conhecer nosso país”, que premiou com uma viagem a Brasília –, canções folclóricas, jogos e brinquedos para montar com o papel-jornal, desenhos para colorir, culinária, jardinagem, quadrinhos, poesias, contos e textos em geral – sobre meios de transporte, produção do café brasileiro, a Constituição, regiões brasileiras, ciência, prêmio Nobel e ONU (estes dois últimos, na seção “Foquinha Internacional”, que passou a circular no número 4).

No número 7, surge o “Foquinha responde”, em que o jornal publica e comenta cartas de crianças leitoras, nas quais elas dão sugestões e fazem críticas ao veículo ou o elogiam. Na edição de número 9, aparece o “Clube de Pesquisa do Foquinha”, para assinantes do jornal ou para sócios apenas do clube:

“[Você] vai receber ainda uma BIBLIOTECA DE PESQUISA com 224 fichas a cores, com datas comemorativas, biografias de brasileiros ilustres, dados estatísticos das riquezas do Brasil, informações sobre ecologia etc.

Receberá 460 desenhos coloridos para recortar e colar em seus trabalhos escolares.



Receberá um carnê com SEIS FORMULÁRIOS DE PESQUISA, juntamente com 6 envelopes-resposta para você consultar a redação do Jornal FOQUINHA sobre assuntos de interesse de sua faixa etária. [grifos originais]

A partir do número 11, o veículo passou a publicar uma página com a seção “Foquinha Leu para Você”, com “notas, notícias, novidades, atualidades jornalísticas”. Essa seção espelha uma das preocupações expostas na espécie de carta ao leitor do primeiro número: “Assuntos jornalísticos, nacionais e internacionais, serão apresentados de forma leve e agradável”. Nessa parte do veículo, encontra-se desde de notícias de ataques a índios às razões da “peste suína” que atacava os “porquinhos brasileiros”. Também eram publicadas notícias esportivas, sobre animais em extinção e internacionais, como a retomada da liberdade de imprensa no Peru. Apesar da variedade de notícias apresentadas, nota-se intenção de apresentar os fatos em linguagem mais acessível às crianças, não sem deixar de lado as preocupações do jornal com certos valores a serem ensinados aos pequenos e as coisas nacionais, conforme descrito na carta ao leitor que foi exposta acima. Exemplos:

Governo Peruano restabelece liberdade

De Lima, capital do Peru, informa-se que o governo restabeleceu a liberdade de imprensa no País.

A nova lei de imprensa peruana proclama “o direito das pessoas de informar, informar-se e opinar livremente”. Permite ainda que novas publicações sejam editadas.

Como é natural, toda essa liberdade é *limitada pela moral e bons costumes* [grifos nossos].

Brasil – Campeão Sul-Americano

Lembre-se que a Copa foi disputada por uma equipe de jogadores profissionais que ganham para jogar, que recebem dinheiro por cada gol que fazem.

Importante mesmo é esporte amador, em que cada competidor só pensa na *honra de seu país* [grifos nossos]. Assim, não precisamos ficar tristes por termos apenas um terceiro lugar no Mundial de Futebol.

Nos textos e em algumas ilustrações, o personagem que dá título ao veículo, o Foquinha, era muitas vezes representado como um repórter, que tinha o Urubu Malandro como uma espécie de ajudante. Como supervisor do trabalho dos dois, havia o Redator-Chefe – que não era representado na forma de desenho.

Na “sensacional entrevista de Foquinha com uma borboleta”, no número 11, temos o seguinte trecho:

Era hora do almoço e o Foquinha e o Urubu Malandro já estavam de barriga cheia e se deitaram sobre a grama, no Ibirapuera, à sombra de uma planta muito verdinha.



Foquinha – Puxa, Urubu, nunca pensei que a gente ia gostar de vir trabalhar aqui por estes lados. Este verde todo é uma beleza, não é mesmo?

Urubu Malandro – Beleza é a gente não ter nada para fazer e ficar assim de barriga para o ar.

Foquinha – Você é um grande preguiçoso.

Mas a preguiça não era exclusiva do Urubu. No texto sobre Brasília, no número 4, o bicho diz: “Foquinha! Foquinha! Acorde que você precisa trabalhar. Você prometeu para este número uma reportagem sobre uma cidade brasileira. E o Foquinha nada de acordar”.

Esses trechos exemplificam um posicionamento frequente do “Foquinha”: apesar de querer ter circulação nacional, o veículo marca seu posicionamento espacial paulistano, usando referências da cidade de São Paulo, como o parque Ibirapuera, ou mostrando que seria preciso viajar até a capital federal.

Textos escolhidos

Nº	Data	Chamada na capa	Tema e abordagem
1	Junho e agosto de 77	Quinzena Educativa Contra Incêndios	Fala do trabalho dos bombeiros, retomando seus precursores – gregos e hebreus já tinham “organizações destinadas a combater o fogo”. O texto ressalta a bravura e a importância dessa corporação: “Preste uma homenagem aos bombeiros, não lhes dando mais serviços do que eles já têm. Evite qualquer coisa que possa causar um incêndio...”
2	Setembro de 77	Nasceu a filha de Rebeca... ...a girafinha passa bem	A girafa Rebeca conta, batendo à máquina, como foi o nascimento de sua filha, no Zoológico de SP; não se pode ter certeza de que o fato é verídico. A linguagem, que começa informal, termina com termos mais técnicos, sobre a anatomia do animal: “Ambos os sexos possuem dois pequenos cornos de cerca de 15 cm, na frente dos quais há uma bossa, considerada, por muitos, como um terceiro corno”.
3	Outubro de 77	Entrevista de Foquinha com o Urso Polar	Foquinha entrevista, por telefone, um urso polar que lhe conta detalhes de sua anatomia, de seus hábitos alimentares e do polo Norte, onde vive. Um ponto que chama a atenção é o modo monoteísta como o texto aborda os esquimós: “Eu odeio os esquimós, porque são eles os meus grandes inimigos. Eles me perseguem e depois de aproveitar minha carne ainda vendem a minha pele aos brancos”.



4	Novembro de 77	A Onça e o Amigo da Onça	O texto conta a origem da expressão “amigo da onça” e narra lendas que envolvem o animal em várias regiões do país. Aborda também características físicas e a alimentação do bicho: “É um mamífero carnívoro, de uma ferocidade terrível”.
5	Dezembro de 77	A História da Navegação	O texto, longo, conta a história da navegação, da pré-história à época moderna. Um ponto que chama a atenção é a referência religiosa: “E quando um raio caía [sic] sobre uma árvore e a incendiava? Aí ele [o homem pré-histórico] achava que o Pai do Céu, lá em cima, estava muito bravo com ele e se encolhia ainda mais de medo”.
6	Janeiro de 78	Esta Aldeia de São Paulo	Fala da fundação de São Paulo e de seu desenvolvimento, nos anos iniciais: “Nessa aldeia tão pequena começou a grandeza da capital do Estado de São Paulo”.
7	Fevereiro e março de 78	Conheça a história do Correio Aéreo Nacional contava pelo Urubu Malandro	Urubu diz a Foquinha que já trabalhou na Força Aérea Brasileira e que não conseguiu ingressar no Correio Aéreo Nacional (texto em anexo); o bicho explica ao Foquinha a função das duas organizações, numa linguagem aparentemente acessível, mas que às vezes se torna burocrática: “Quando criaram o Ministério da Aeronáutica em 1941, pela Portaria nº 47 foram unidos os Correios Aéreos Militar e Naval”.
8	Abril de 78	Vamos Falar Como Índio	Traz um pequeno vocabulário com palavras em tupi, acompanhado de um mapa, possivelmente retirado de um livro tradicional de geografia, com a distribuição dos grupos indígenas no Brasil. A lista de termos foi publicada para que o leitor do “Foquinha” pudesse “se divertir e, ao mesmo tempo, aprender a respeitar os primeiros habitantes do Brasil”.
9	Maio de 78	Baleia, a Fofinha dos Mares	Foquinha e Urubu Malandro vão até a praia; o primeiro encontra uma baleia, que lhe fala detalhes de sua espécie e o alerta para os perigos da matança indiscriminada de baleias. “Os homens são muito maus. É a espécie mais malvada que Deus colocou sobre a terra.”
10	Julho e agosto de 78	Lepidóptero ou Borboleta	Foquinha e Urubu Malandro entrevistam uma larva de borboleta, que lhe explicam como ocorreu o seu nascimento e como será seu desenvolvimento: “Foquinha – Resolva-se logo sobre o que você é. Ou então não podemos nem conversar. Taturana – Odeio gente burra. Foquinha – Não faça cara de



			enjoada e vá explicando”.
11	Setembro de 78	Une, Dune, Tre Foquinha Mestre Cuca faz Bolo pra Você	O jornal faz um ano, e Foquinha e Urubu Malandro fazem um bolo, com a ajuda dos bichos que os dois entrevistaram ao longo do ano. No final, D. Lina, a copeira da Redação, diz que o bolo ficou um “cocoquinho”.

Observações

A leitura dos textos principais das primeiras edições do “Foquinha” nos permite afirmar que o jornal tinha como maior preocupação a função didática, e não a jornalística. Seus temas principais estavam quase sempre relacionados ao conteúdo escolar, sobretudo da biologia e da história, apesar de sua intenção de nem sempre ser exclusivamente didático, expressa na espécie carta ao leitor do primeiro número. Temas do noticiário adulto não aparecem nos textos de capa, bem como falas de crianças ou de adultos: não há entrevistas “reais”. Os animais, alvos de várias capas, são personificados, aproximando o tom do veículo, nesse caso, ao de contos literários. Mesmo no caso do nascimento da girafa no zoológico de São Paulo, que parece ser algo que de fato ocorreu – aparece inclusive a figura da doutora Tatiana, que cuidou da girafinha –, o jornal não esclarece se o texto era um conto ou uma reportagem.

Ao incorporar as figuras, infantilizadas, do Foquinha e do Urubu Malandro como repórteres, o veículo afasta ainda mais as características do jornalismo “profissional” de suas páginas e se aproxima do conceito de jornal escolar, em que uma criança redige uma “matéria” para outra ler.

Por conta do didatismo e da aproximação com o jornal escolar, a linguagem, ainda que na maior parte das vezes clara e acessível às crianças de primeira a quarta séries, alvo do jornal, tem alguns deslizes: termos mais complexos são usados nas explicações dos assuntos, sem a devida “tradução” para o universo da criança.

Um detalhe, na amostra, há duas referências religiosas (“Pai do Céu” e “Deus colocou sobre a terra”) que não se justificam nas intenções jornal: O Foquinha não tinha vínculos institucionais com nenhuma religião e, de acordo com as informações de Soveral, não era distribuído apenas em escolas de congregações religiosas. Como o veículo quer resgatar valores nacionais perdidos, como diz na “carta ao leitor”, pode-se imaginar que o respeito à figura de Deus seja um dos valores da publicação.



A grandeza da nação percorre vários textos: o crescimento de São Paulo, a força do Correio Aéreo Nacional, a beleza do tupi e de nossa fauna. Esses temas parecem estar de acordo com a intenção do veículo, exposta na primeira edição: “Heróis importados, de qualidade duvidosa, falam de uma cultura que não é a nossa, enquanto jingles publicitários substituem as nossas canções folclóricas”. Aqui, parece forçoso estabelecer relação com os valores do período político brasileiro daquele período dos anos 70, de regime militar e de suas campanhas publicitárias ufanistas, como a do slogan veiculado em propagandas governistas na mídia: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. O espírito de amor à pátria e às coisas brasileiras, difundindo em seus leitores, parece ser o mesmo alardeado pelo governo, ainda que o jornal não deixe claro sua ligação ideológica ou institucional. Como esses valores também impregnavam os livros didáticos das escolas daquele período, criou-se, portanto, uma simbiose entre o “Foquinha” o currículo escolar, que, talvez, tenha garantido maior aceitação do jornal na sala de aula e ampliado suas vendas.



Referências bibliográficas

ALVES, Januária C. *Jornal infantil: expressão e participação*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1993.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. Melhoramentos, São Paulo, 1968.

CANCLINI, Néstor G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

FRAGOSO, Paulo A. D. “A experiência da regulamentação das campanhas publicitárias de cigarro como subsídio para a comunicação de alimentos direcionados ao público infantil no Brasil”. in *Infância & Consumo: Estudos no Campo da Comunicação*. Andi – Instituto Alana, Brasília, 2009.

ONU. Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança. Disponível em: http://www.onu-brasil.org.br/doc_crianca.php. Acesso em: jun. 2009.

PERROTI, Edmir. “A cultura das ruas”, in *Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil*. São Paulo, Loyola, 1991.

PILAGALLO, Oscar. *O Brasil em sobressalto: 80 anos*. São Paulo, Publifolha, 2002.

VASCONCELOS, Paulo A. C., org. *Comunicação e imaginário na cultura infanto-juvenil*. São Paulo, Zouk, 2001.



Anexos

Junho e agosto de 1977, capa



Foquinha

Um Jornal de Classe

ÓRGÃO DA RPB REVISTA PEDAGÓGICA BRASILEIRA – EDITOR: ARNALDO SOVERAL
 Rua Sebastião Pereira, 82 S/L - CEP: 01225 - Fones: 220-8104 e 221-4819 - SP
 Distribuição para todo o Brasil: Editorial Planejamento Ltda. - Ano 1 - Nº 1

CRIANÇA É O ASSUNTO

Os nossos filhos, os nossos alunos, as nossas crianças estão sendo cercadas e ameaçadas por um ambiente tenso de violência e perigo. A televisão, o cinema, os jornais e até as publicações chamadas infantis, transmitem mensagens que nada têm a ver com os nossos valores.

Heróis importados, de qualidade duvidosa, falam de uma cultura que não é a nossa, enquanto jingles publicitários substituem as nossas canções folclóricas.

*Não somos os únicos a ver esse perigo, porém, a nossa experiência no campo pedagógico não nos permite a omissão e, como decorrência dessa tomada de consciência, nasce o **Foquinha**, um jornal de classe e da classe. Nele, os heróis serão sempre brasileiros.*

*Sem ser exclusivamente didático, o **Foquinha** levará a criança brasileira, pelo tempo e pelo espaço, a conhecer os vultos de sua História e a percorrer os lugares mais distantes de sua Pátria, completando assim, o que o professor ensina na sala de aula.*

Em suas páginas, a Ecologia deixará de ser uma palavra difícil no vocabulário infantil para ser vivida e sentida: a flora, a fauna, o uso e o abuso do solo, caçar, pescar, semear e colher deixarão de ser apenas noções vagas, para passarem a realidades na seção "Aprenda a Plantar". Assuntos jornalísticos, nacionais e internacionais, serão apresentados de forma leve e agradável, permitindo a discussão, em classe ou em casa, e formando os futuros leitores de jornais.

O teatro é outro item que não será descuidado, havendo a publicação de pequenas peças que poderão ser encenadas pelas próprias crianças, além de informações úteis para a criação de teatro de marionetes. Haverá também resenha e crítica de livros infantis.

O desenvolvimento de habilidades, ensinando a passar o tempo de forma útil e agradável, se apresentará através de seções, as mais diversas, abrangendo desde a culinária com noções de dietética até a confecção de trabalhos manuais como modelagem, pintura, crochê, tricô, macramê e corte e costura. Sempre de forma simplificada, de acordo com a faixa etária a que se destina.

Haverá orientação sobre saúde, higiene, prática de esportes, medicina preventiva, bem como os meios e as ocasiões em que se deve recorrer aos Postos de Saúde e ao INPS.

Além disso, todo o currículo escolar será seguido, passo a passo, através de elementos divertidos.

E alegria, muita alegria, com estórias em quadrinhos, curiosidades, concursos etc.

*Tudo isso é o **Foquinha** dando o sinal verde para a juventude do Brasil, para que ela se forme dentro do espírito de sua nacionalidade, amando sua terra e sua gente.*

Quinzena Educativa Contra Incêndios

1º a 15 de Junho



Muitos prêmios na pág. 8

Comemorações Junho e Agosto

9 de Junho Dia de Anchieta	1º a 15 de Junho Quinz. Educ. Contra Incêndios	29 de Junho Dia do Pescador	1º de Agosto Dia do Selo	2º Domingo de Agosto Dia do Papai	22 de Agosto Dia do Folclore	25 de Agosto Dia do Soldado
						

Composto e Impresso nas Oficinas de Artes Gráficas Guarua S/A - Rodovia Presidente Dutra, km. 300 - Guarulhos - São Paulo.



Fevereiro e março de 1978, p. 5

CORREIO AÉREO NACIONAL (CAN)

Urubu Malandro conta as aventuras e desventuras no início do Correio Aéreo Nacional

Foquinha e Urubu Malandro estavam conversando e espionando o movimento da rua, debruçados na janela da redação, quando passou um avião da Força Aérea.

O Urubu seguiu com os olhos as evoluções do avião e ficou com um ar muito triste. Dos seus olhos escorreram duas lágrimas sentidas.

Foquinha não aguentou a curiosidade e perguntou:

— Oh! Urubu! O que tens tu!

— Não brinque, Foquinha. Quando vejo um avião da FAB, eu fico com saudades do tempo em que eu trabalhava com esses valentes aviadores brasileiros.

— Uai! Você já foi da FAB? Você nunca me contou isso.

— Ah! Foquinha! Tem muita coisa na minha vida que você não conhece.

— Larga mão de segredo, companheiro! Nós somos ou não somos amigos? Vá contando as suas recordações que eu estou aqui para ouvir.

— Foi há muito tempo... Eu era um urubu ainda muito moço e não conhecia nada das maldades desta vida. Foi antes da época em que foi organizado o primeiro Correio Aéreo Nacional pela Aviação Militar, em 1931.

— Puxa! Faz tempo mesmo! Eu nem sabia que você era assim velho.

— Pois bem, Foquinha. Você sabe que eu sempre fui um urubu patriota. Naquele tempo, quando havia uma mensagem urgente para ser enviada, os tenentes e os brigadeiros militares logo lembravam de mim. Eles diziam: Vamos chamar o Urubu. Ele leva tudo o que a gente precisa.

— Urubu, meu amigo, nunca pensei que você tivesse sido assim importante. Desculpe, se já fui atrevido com você.

— Não tem nada, Foquinha. A gente é amigo e amigo é para se aturar um ao outro.

— Mas conta lá como foi isso de correio militar.

— Foquinha, como eu ia dizendo, o pessoal estava sempre me ocupando. Eu pensava que, um dia, eles me aceitariam como parte integrante da Força Aérea. A Aviação Militar organizou o Correio Nacional com a denominação de Serviço Postal Aéreo. Depois foram surgindo outras entidades com a mesma finalidade: Correio Aéreo Militar, Correio Aéreo Naval e, finalmente, o Correio Aéreo Nacional.

— Já sei. Você estava com o Correio Aéreo Militar.

— Nada disso. Ao contrário, quando surgiram esses serviços, eles foram me pondo de lado. Eu ainda lembro com que alegria, o Correio Aéreo Militar fez o seu primeiro transporte no dia 12 de junho de 1931, num avião "Curtis Fleding nº 263".

— Você nem pode imaginar como era feio e desengonçado o tal avião. A gente até deu o apelido de Frankstein. Parecia mesmo um monstro. Não tinha nem de longe a beleza e a elegância de voo de um urubu como eu. Daí, alguns anos depois se criou o Correio Aéreo Naval com um avião



“Waco”, munido de flutuadores e que fazia o percurso Rio de Janeiro - Santos - Paranaguá - Florianópolis.

— Puxa vida! Urubu! Eu não sabia nada disso.

— Pois é... E enquanto se criava tudo isso, o velho Urubu ia ficando de lado. Quando criaram o Ministério da Aeronáutica em 1941, pela Portaria nº 47 foram unidos os Correios Aéreos Militar e

Naval e transformados no CAN, isto é, Correio Aéreo Nacional.

— E qual era a finalidade do Can?

— O CAN se propunha cinco coisas:

1º) — Exercitar o pessoal da Força Aérea Brasileira para que houvesse pilotos eficientes e gente prática na navegação aérea;

2º) — Facilitar as comunicações entre os vários estabelecimentos do Ministério da Aeronáutica, situados nos diferentes Estados;

3º) — Facilitar as ligações das populações do interior do País com os centros populosos e as Capitais;

4º) — Manter uma rede de campos de pouso, estações de rádio e abastecimento de gasolina pronta a ser utilizada pela Força Aérea Brasileira;

5º) — Facilitar a unidade nacional e o desenvolvimento econômico de todo o Brasil.

— Que beleza de programa, Urubu!

— Pois é, Foquinha. Uma beleza de programa, mesmo.

— E por que você fica triste quando vê um avião da FAB. Eu acho que é para que todo o brasileiro fique pulando de contente.

— Eu também acho... Mas você vê uma coisa: eu não fui aceito. Não passei nos testes para entrar na FAB.

— Bolas! O que que você queria que eles fizessem lá com um urubu?

— Mas eu não sou um urubu qualquer. Eu sou o Urubu Malandro.

— Não fique triste, Urubu. Você ficou sendo meu piloto particular e a gente tem se divertido bastante fazendo reportagens pelo Brasil. E ou não é?

— Está bom, Foquinha! Mas eu ainda preferia ser piloto do CAN ou da FAB.

